

"A GATA BORRALHEI-
RA"

Texto de Maria Clara Machado.

(71) 1

Ouve-se a Música. Com a cortina fechada:

NARRADOR: Boa tarde, meus amigos. Estou aqui para contar a verdadeira história da Gata Borralheira, como aconteceu no Brasil. Os personagens desta história são:

(Música de entrada dos personagens.)

A Família Borralheira: dona Firmina de Sousa Borralheira (*Entra dona Firmina seguida das filhas*), suas filhas Margaridinha e Rosinha de Sousa Borralheira, (*Confidencial*) chamadas pelas más línguas da cidade de "as moças do peção"... (*Firmina e filhas param e cumprimentam*)

(Passam e saem)

os mancebos João Jaca e Simão Leitão, os pretendentes...

(Idem)

Dona Fada Santos, a madrinha de Dulcinéia, vizinha que costumam chamar de dona Resolve-Tudo...

(Idem)

(Cessa a música)

e outros personagens, como o Sapo Verde, o Arauto, e outros que surgirão no correr da peça, para encherem certas cenas. A história começa quando os moços João Jaca e Simão Leitão vão pedir a mão das filhas de dona

Firmina de Sousa Borralheira. (*Abre-se o pano e aparece a casa.*)

CENA I

(*Vêm-se D. Firmina sentada ao centro, suas filhas de pé à esquerda da cena e J. Jaca e Simão Leitão de pé à direita.*)

(*Música. Filhas cantam*)

MARGARIDINHA E ROSINHA:

Lua branca
Botão de prata
na lapela do infinito,
recebe a madrugada,
ó... desditosa,
e apaga o teu fulgor
na imensidão...

(*Jaca e Leitão aplaudem com entusiasmo e as filhas sentam.*)

J. JACA: Dona Firmina... quero me casar com sua filha Margaridinha, para me estabelecer na fazenda e criar filhos... e enriquecer. O Simão Leitão quer também casar com dona Rosinha.

S. LEITÃO: Tenho um açougue, dona Firmina, estou bem de vida. Agora, quero uma mulher para me fazer companhia e criar filhos.

FIRMINA (*Enérgica*): Sinto muito, senhores João Jaca e Simão Leitão. Minhas filhas foram criadas visando a outro horizontes. Gastei com elas minha mocidade e meu dinheiro. Só se casarão com gente de alto gabarito. Os senhores são cultos?

JACA: Bem... eu cultivo o campo, dona Firmina.

FIRMINA: Não se trata disso, senhor João Jaca, trata-se de coisas do espírito, por exemplo: falar francês... Meninas!

MARGARIDA: Le lion est le roi des animaux! (*Enfática*).

ROSINHA: Je suis, tu es, il est... fatigué.

FIRMINA: Saber nomes difíceis...

MARGARIDA: Onomatopéia!

ROSINHA: Otorrinolaringologista!

FIRMINA: Datas...

AS DUAS: Sete de setembro!

FIRMINA: Feitos...

MARGARIDINHA: E o comandante se envolveu na bandeira holandesa e se atirou ao mar exclamando: o oceano é a única sepultura digna de um almirante *batavo*!

FIRMINA E ROSINHA: A única!

SIMÃO: O cateto da hipotenusa serve, João Jaca?

JACA: Não, Simão, pense noutra.

LEITÃO (*Baixo*): Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro, que o senhor tem a seu lado e...

FIRMINA (*Interrompendo*): Vejam os senhores, Margaridinha e Rosinha são exímias pianistas. Além disso, dizem versos como ninguém. A professora delas garante que nunca viu temperamento igual.

MARGARIDA E ROSINHA (*Levantando-se*):

Armas num galho de árvore um alcapão

E em breve a avezinha descuidada,

batendo as asas, cai na escravidão.

Dá-lhe então como esplêndida morada

Uma gaiola dourada!

Dá-lhe alpista, água fresca, ovos e tudo. (*Esquecendo*)

E tudo?!...

FIRMINA: Porque é...

FILHAS (*Emendando*): Porque é que tendo tudo, há de ficar o passarinho mudo,

arrepiado e triste sem cantar?

(Jaca e Leitão batem palmas. Filhas sentam.)

FIRMINA: Temperamento, cultiva-se!

LEITÃO: Se é o açougue que a assusta, dona Firmina, lembro que também o finado Borralheira tinha uma loja de calçados...

(Indignação da família.)

JACA: Se é a minha roça que a assusta, dona Firmina, quero lembrar que o finado senhor seu pai plantava bananas nos fundos do quintal do senhor meu pai... *(Reação raivosa da família)* e isso muito o honrava...

FIRMINA *(Furiosa)*: É melhor não lembrar o abominável passado, senhor João Jaca. Se o passado de meus finados não era coisa que prestasse, não deixarei que o futuro de minhas filhas se suje em açougue e rocínhas! *(Riso escarninho)* Tenho planos, meus senhores. Tenho planos. Elas vão ser damas grã-finas, vão frequentar salões, para isso seguiram cursos de declamação.

LEITÃO: Desculpe a curiosidade, dona Firmina, mas onde é que a senhora vai encontrar gente melhor do que nós dois para casar com suas filhas?

(As três riem às gargalhadas.)

FILHAS: Então não sabem da novidade?

FIRMINA: Calem a boca, minhas filhas. Só falem quando for necessário e aquilo que eu ensinei.

FILHAS: Está bem, mamãe.

LEITÃO: Educadinhas, hem, Jaca?

FIRMINA: Então não sabem da grande novidade?

(Gesto negativo dos dois.)

FIRMINA: A cidade recebeu um telegrama estrangeiro falando da chegada do príncipe Tinhorão. O palácio do

Alvorço foi comprado para hospedá-lo com sua comitiva. Nossa formosa cidade, alterosa e altiça, foi a escolhida para residência do príncipe espanhol...

FILHAS: Dom Tinhorão de Garcia Macedo y Perez!

FIRMINA: De sangue azul, descendente dos guerreiros Azulon!

FILHA: Azulon!

JACA: Se mal pergunto, dona Firmina, que veio fazer esse Azulon aqui... neste fim do mundo?

FIRMINA: Esquecer suas mágoas das Europas.

LEITÃO: Não compreendo, dona Firmina, o que tem isso a ver com o nosso pedido de casamento. Ele vai casar com Rosinha?

JACA: Ou Margaridinha?

FIRMINA: Uma voz aqui dentro me diz que uma nova vida vai começar para mim. Finalmente serei parenta de nobres.

JACA: E a filha que sobrar, não pode ficar para nós?

(Filhas riem enleadas.)

LEITÃO: O príncipe só vai casar com uma, não é?

FIRMINA: Cunhada de príncipe, João Jaca e Simão Leitão, não pode casar com qualquer um. Vai virar dama da corte, enquanto outro príncipe, cansado da Europa, não chegar.

LEITÃO: Mas ele já pediu alguma em casamento?

FIRMINA: Não pediu, mas pedirá, tão certo como me chamo Firmina. Um coração de mãe nunca se engana. *(Olhando as filhas)* Vocês acham que ele resistirá aos encantos de minhas filhas?

JACA: Não resistirá. Eu, pelo menos, não resisto. Estou apaixonado por dona Margaridinha. *(Margarida ri)*.

LEITÃO: E eu por dona Rosinha. *(Rosinha idem)*.

FIRMINA *(Rindo)*: Sinto muito, meus senhores, mas minhas filhas só se casarão com gente de muita cultura, de

alto gabarito. São moças feitas para o salão. Vocês não sabem nada, meus rapazes. Nada, nada, nada... hum... Entrar em salão requer muito, muito... savoir.

(Ouve-se a sineta. Mãe mostra o banco às filhas que se sentam.)

FIRMINA: Dulcinéia!

(Pausa. Sineta.)

FIRMINA: Dulcinéia!

MARGARIDA: Diaba de gata preguiçosa!

ROSINHA: Uma imbecil completa. Não sei como a senhora ainda atura essa gata suja.

(Sineta.)

FIRMINA: Dulcinéia! Não me ouviu chamar?

DULCINÉIA *(Entra)*: Desculpe... mas eu estava dando os restos do almoço para os porcos e... como um porquinho fugiu, eu... *(Jaca e Leitão interrompem com riso tímido)*.

FIRMINA: Chega de conversa de cozinha, Dulcinéia. Ponha o avental e vá abrir a porta.

(Dulcinéia sai para pôr o avental.)

FIRMINA: Pensar que temos que aturar essa ignorante aqui dentro de casa e que ainda por cima leva o nosso nome, Dulcinéia Borradeira. Só de pensar me arrepio, uu!

(Dulcinéia volta e se dirige à direita — Proscênio, sineta.)

Anda, preguiçosa!

MARGARIDA: Quem será, mamãe?

ROSINHA: Será o turco da prestação?

FIRMINA: Componham-se, meninas! A criada virá dizer quem é.

DULCINÉIA *(Voltando)*: É o empregado do príncipe que quer falar com a senhora.

(Há um grande alvoroço contido.)

A FAMÍLIA: O empregado do príncipe!

FIRMINA: Chegou o momento! *(Todas se erguem)* Dulcinéia, não diga mais empregado. Diga lacaio! É esta a linguagem de palácio que quero ouvir nesta casa. Lembrem-se todos!

FILHAS: *(Fazendo reverências ridículas)* Vossa Alteza! Vossa Nobreza! Vossa digneza!

FIRMINA: Parem de gritar, filhinhas. Ainda não chegou a hora de mostrar que vocês são inteligentes. Este é apenas o lacaio do príncipe. *(Senta)* Sentadas. *(Elas sentam)* Com ele, superioridade... *(Faz ar superior, imitando pelas filhas)* e um certo desdém altivo *(Faz um gesto de desdém altivo sorrindo. As filhas imitam e permanecem em posição de desdém)* Prontas?

FILHAS: Hum... hum. *(Assentimento entre os dentes)*.

FIRMINA: Mande-o entrar, Dulcinéia.

(Dulcinéia sai. Pausa em que as três formam um quadro vivo de desdém altivo. Dulcinéia volta seguida do arauto, olha-o admirada e se coloca à esquerda baixa.)

(Música, fanfarras.)

LACAIO: Boas tardes, minhas senhoras e meus senhores.

FILHAS: Boa tar...

FIRMINA *(Interrompe)*: Psiu! Que desejais, lacaio?

FILHAS: Que desejais, lacaio?

LACAIO: O príncipe Generalíssimo D. Tinhorão de Garcia Macedo y Perez resolveu dar um baile para assustar sua tristeza e manda convidar a todos que compareçam hoje à noite ao palácio do Alvoroço.

(Reação de grande júbilo das filhas.)

FIRMINA: Transmita ao príncipe D. Tinhoron de Garcia...
(*Esquecendo*).

FILHAS (*Soprando*): Macedo y Perez.

FIRMINA: Macedo y Perez, que seu apelo será atendido pela família de Dom Perseguidino Borrallheira.

LACAIO: Os senhores Jaca e Leitão também estão convidados.

(*Música, fanfarras*).

FIRMINA (*Ergue-se e abraça as filhas*): Chegou a hora, filhas de minha alma!

FILHAS: Chegou!

FIRMINA: Depressa aos preparativos! Amanhã naturalmente serei sogra de príncipe, mas para isso é preciso que vocês estejam prontas.

MARGARIDINHA: Le lion est le roi des animaux...

ROSINHA: Je suis, tu es, il est fatigué...

FIRMINA (*Cortando*): Silêncio, meninas! Deixem isso para depois. Primeiro os cremes. A beleza é o estofado da cultura. Dulcinéia, traga os potes. João Jaca e Simão Leitão, vocês agora devem se retirar. Homem nenhum deve desvendar as artimanhas femininas para se embelezar.
(*Vai saindo*).

OS DOIS: Mas dona Firmina...

(*Interrompe-os com autoridade e sai. Os dois vão sair, Margarida e Rosinha se dirigem a eles.*)

MARGARIDA: Ah... se você fosse príncipe, João Jaca.

JACA: Ah, Margaridinha, quer dizer que nós não temos vez?

ROSINHA: Se você fosse culto, Simão Leitão...

LEITÃO: Rosinha, a que não casar com o príncipe, talvez...

FIRMINA (*Voltando*): João Jaca e Simão Leitão não forçam o destino.

(*Saem os dois à direita e as filhas à esquerda.*)

FIRMINA: Dulcinéia, traga os cremes de diminuir nariz.
(*Firmina vai ao espelho enquanto Dulcinéia entra com os potes.*)

MARGARIDA (*Entra de água e espartilho*): Dulcinéia, traga o pente de alisar onda! (*Dulcinéia entrega o pente.*)

ROSINHA (*Entrando também de espartilho*): Dulcinéia, vá depressa à costureira buscar meu vestido!

(*Dulcinéia vai sair.*)

ROSINHA: Dulcinéia, traga o rolo de tirar banha da cintura! (*Dulcinéia vai sair à direita.*)

MARGARIDA: Dulcinéia, venha escovar meus cabelos!

FIRMINA (*Aproximando-se de Margarida, toma o pente, penteia a filha*): Dulcinéia, traga as gotas de brilhar olho!

MARGARIDA: Eu queria tanto, mãe, ter olho cor de mel!

FIRMINA: Não seja cretina, minha filha, seu olho cor de burro vai brilhar com as gotas. E depois olho de princesa é cor de burro mesmo.

ROSINHA (*Ao espelho*): Mãe, meu pé é tão grande!

FIRMINA: Pé de princesa é grande, filha. Princesa tem que ter boa base. Veja a rainha da Inglaterra.

(*Entra Dulcinéia com grande rolo.*)

FIRMINA: Dulcinéia, traga a escova e faça uma massagem no pé de Rosinha.

MARGARIDA (*Saindo*): Dulcinéia, põe meu banho e não se esqueça dos saís.

(*Dulcinéia sai carregando os potes.*)

FIRMINA (*Fazendo massagem na cintura de Rosinha*): Hum...

ROSINHA: Ai! Mãe!

FIRMINA: Coragem, filha de minh'alma! É preciso sofrer para ser bela. Para se ocupar uma posição social na vida, é preciso passar tudo para trás. Tudo tem um preço! E é este que exige de vocês!

(Entra Margarida com escovão e Dulcinéia com vidro de gotas.)

FIRMINA: Dulcinéia. Força aqui em Rosinha. *(Passa o rolo a Dulcinéia que continua amassando, entrega as gotas a Firmina, que se dirige a Margarida para pingar as gotas.)* Tem que tirar três centímetros da cintura!

ROSINHA: Ai, ai, ai! No jantar eu recupero.

FIRMINA: Hoje ninguém janta! *(Pausa! Firmina pinga as gotas no olho de Margarida.)*

DULCINÉIA: Mamãe!

(As três olham admiradas para Dulcinéia.)

DULCINÉIA: Mamãe! *(Pausa)* Mamãe, deixe eu também ir ao baile do príncipe?

(Gargalhada escandalosa das filhas. Firmina olha-a furiosa.)

FIRMINA: Realmente, isto já está se tornando um abuso. É a terceira vez que você me chama de mãe...

MARGARIDA: Quinta!

FIRMINA: Fora as vezes que você fala sonhando. Quem lhe deu licença para me chamar de mãe, hem? Este nome só pode ser pronunciado por minhas queridas filhas, compreendeu? *(Sai.)*

(Margarida e Rosinha cochicham e riem olhando Dulcinéia.)

MARGARIDA: Você quer mesmo ir ao baile, Dulcinéia?

DULCINÉIA: Quero, quero sim.

(Margarida faz Dulcinéia sentar ao centro. Rosinha entra com uma coroa de lata e coloca na cabeça de Dulcinéia.)

ROSINHA: Quer também se casar com o príncipe, engraçadinha?

DULCINÉIA: Querer eu queria...

(As duas riem. Entra Firmina.)

FIRMINA *(Com vidro de esmalte na mão)*: Realmente, que desprante! ponha-se no seu lugar, menina! Então não vê que é impossível misturar cozinha com salão?

FIRMINA: Meninas, aos banhos de vapor e perfume. *(Firmina entrega o vidro a Dulcinéia)* Aprenda uma coisa, Dulcinéia, na vida, a gente deve sempre saber o seu lugar.

DULCINÉIA *(Pintando os dedos de Firmina)*: Sim, senhora.

FIRMINA: Cumpra o seu dever que eu cumprirei o meu casando minhas filhas o melhor possível. *(Dulcinéia chora e Firmina dá-lhe um tapa na cabeça)* Não chore, menina. Se tudo correr bem, permitirei que você vá ao casamento dela.

DULCINÉIA: Obrigada, minha senhora.

(Firmina sai majestosa deixando Dulcinéia chorando.)

DULCINÉIA: Eu queria tanto... tanto...

FIRMINA *(De fora)*: Dulcinéia!

DULCINÉIA: Pronto, madrastra!

FIRMINA: Venha ajudar a fechar os vestidos, preguiçosa!

DULCINÉIA: *(Sai carregando os objetos de toucador)* Eu queria tanto... tanto.

CENA II

(Música de mudança de cenário.)

NARRADOR: Enquanto Firmina Borradeira aperta, retoca, empoa, lustra, escova e perfuma suas duas filhas, e o pobre Dulcinéia chora sua desdita porque queria tanto, nossos amigos João Jaca e Simão Leitão não desistiram de conquistar a mão de suas amadas. (Sai).

Música

(O narrador se veste de livreiro, entra, abre parte do cenário em estantes de livros, enquanto à direita baixa entram João Jaca e Simão Leitão.)

JACA: Boa tarde. O senhor tem livro de falar difícil?

LIVREIRO: Grego, latim ou francês?

OS DOIS: Português.

LIVREIRO: Ciência, literatura, filosofia ou poesia?

JACA: Qualquer coisa difícil para impressionar as damas.

LIVREIRO: Dama velha ou dama moça?

LEITÃO: Dama velha e dama moça.

JACA: Basta dama velha, Simão Leitão. A velha estando no papo, as filhas também estão.

LIVREIRO (Entregando livro): Então levem este. É tiro e queda para conquistar dama grã-fina. Já vendi mais de quarenta livros só para a festa do príncipe Tinhorão.

LEITÃO: Em quantos capítulos a gente fica pronto?

LIVREIRO: Isso depende do freguês.

LEITÃO (Lendo): Livro de cultura em 23 lições. Infalível sobretudo nas festas, reuniões e saraus onde é necessário impressionar sem molestar, afirmar sem convencer e brilhar sem ofuscar.

LIVREIRO: Perfeito para um salão onde se deve falar muito sem dizer nada.

JACA: É este mesmo que queremos.

LEITÃO (Lendo): A primeira coisa a fazer para quem pretende falar difícil é cuidar dos trajes e do andar. A elegância impressiona mais que a fala. Mais vale um homem elegante num salão do que um inteligente na biblioteca. Se ele é burro ou ignorante, a roupa e a música disfarçam. Mas se ele está mal vestido...

NARRADOR:

ALFAIATE (Entra à direita. Mostruário de alfaiataria): Pronto, senhores. Desejam alguma coisa?

JACA: Desejamos casar com dona Margaridinha.

LEITÃO: E dona Rosinha.

NARRADOR (Com fita métrica mede Leitão): O Senhor, que é gordo e lembra vagamente um leitão, deve forçar as tintas para parecer um próspero fidalgo dado à gastronomia... comes-e-bebes, o senhor sabe. Colarinho alto, chapéu baixo, gravata berrante e luvas brancas. Sua barriga deve ser acentuada para sugerir prosperidade, isto é, boa vida e dinheiro fácil.

JACA: E eu?

NARRADOR: Baixinho, coitadinho... (Pensativo) Roupa de poeta, que não professa — é claro, por estar enjoado do mundo. E veja também no livro o capítulo sobre o que falar. Seu papel é mais fácil, quanto ao falar: dizer pouca coisa, mas incisiva e incompreensível. É infalível sobretudo coisas incompreensíveis, como (Abre o Livro) (Música) "A ência da essência está na imãncia da poesia espacial..." ou...

JACA (Lendo): Os mamutes não pereceram devido a catástrofes cataclíticas...

LEITÃO: E eu?

NARRADOR: Já o senhor deve falar o mais possível. "A ência da ciência está na incongruência da oratória emocional" ou...

LEITÃO (*Lendo*): "A paráfrase paraclítica das políticas analíticas depende da hipotenusa das regiões fosforescentes, ou seja, de medusas e todo corpo mergulhado em fluido.

OS TRÊS: A ência da essência está na imanência da ciência espacial.

LEITÃO: A ência da poesia.

JACA: A ência da oratória.

NARRADOR: Está na imanência.

JACA: Na grave incongruência.

LEITÃO: Na infra-onipotência.

NARRADOR: Na supra-onisciência.

JACA: Na extra-inconsciência.

LEITÃO: Na múltipla evidência.

OS TRÊS: Da ciência espacial!... (*Cessa a música*).

NARRADOR: Venham à alfaiataria para prepararmos os trajes. (*Saem*).

CENA III

(*Música de mudança de cenário. Casa de Firmina.*)

FIRMINA (*Vestida para o baile*): Avante, filhas de minh'alma! Dulcinéia!

DULCINÉIA: Pronto, madrasta!

FIRMINA: Vejo um fiapo no meu sapato. Tira-o.

DULCINÉIA: Como a senhora está bonita, madrasta! (*Firmina ri satisfeita e senta*).

MARGARIDA (*Entra*): Mamãe, rebentou um colchete!

FIRMINA: Pare de respirar, filhinha! Dulcinéia, traga agulha e linha!

(*Dulcinéia sai e volta com agulha. Margarida prende a respiração mas não agüenta e dá um estouro com a boca.*)

MARGARIDA: Mamãe, não posso viver sem respirar.

FIRMINA: Prenda a respiração, já disse. (*Ela prende enquanto Dulcinéia cose*).

MARGARIDA: Está cosendo minha pele, sua burra.

DULCINÉIA: É porque está muito apertado, Margaridinha.

FIRMINA: Já lhe disse para dizer dona Margaridinha, Dulcinéia.

ROSIINHA (*Entrando*): Mamãe, o vestido não fecha.

FIRMINA: Tem que fechar, filha de minh'alma. Força aqui, Dulcinéia.

(*As duas tentam fechar o vestido.*)

ROSIINHA: Ai, mamãe, prefiro não ir ao baile a entrar nesta tortura. Ai!

FIRMINA: Tortura é ir ao baile e não pescar o príncipe. Vamos, coragem, filha. Pronto, aí está o que vale um esforço. Serás a mais esbelta da festa.

MARGARIDA (*Ao espelho*): E eu, mamãe?

FIRMINA (*Beija-a*): Você será a mais engraçadinha, a mais inteligente. (*Sai*).

ROSIINHA: Não estamos três elegantes, Dulcinéia?

DULCINÉIA: Estão sim.

ROSIINHA: Quero ser a mais bacana da festa.

MARGARIDA: Hum... Tinhorão já está no papo.

ROSIINHA: Merci, bocó.

MARGARIDA: Il n'y a pas de quoi, coió!

ROSIINHA: É bebê?

MARGARIDA: Mamã na gata você não quer!

FIRMINA (*Entrando*): Margareth, Rose! Isso são maneiras de falar?

AS DUAS: Pardon, ma mère!

FIRMINA: Como medida de precaução, vocês só dirão aquilo que eu ensinei. Não abram a boca para essas vulgaridades. Isso é conversa de cozinha, conversa de Dulcinéia. Lembrem-se que vocês são moças letradas.

(As três fazem os últimos retoques, calçam as luvas, enquanto Dulcinéia observa.)

FIRMINA: Prontas?

AS DUAS: Hum... hum.

FIRMINA: E você, Dulcinéia, faça todo o serviço que eu mandei, se não quer levar uma surra amanhã de manhã.

DULCINÉIA: Mas, madrastra, não terei tempo de fazer tudo sozinha até amanhã.

ROSINHA: Quero meu caldo quente.

MARGARIDA: Quero minha cama feita.

FIRMINA: O tapete escovado, a prata limpa e o cachorro lavado.

ROSINHA: Cosa a minha saia.

MARGARIDA E ROSINHA: Afinal você é a nossa aia.

DULCINÉIA: Tudo isso hoje à noite?

FIRMINA: Também o feijão catado, o jardim molhado e o tacho untado.

FILHAS: Para o doce de melado. Afinal você é a nossa aia.

DULCINÉIA: Mas, madrastra...

FIRMINA: Não reclame, Dulcinéia. Você ainda deve dar graças a Deus de ter uma casa para morar.

FILHAS: Graças a Deus!

FIRMINA: Avante!

(Música. Saem as três solenemente.)

CENA IV

NARRADOR: Alguém já viu tamanha ruindade? Deixar a pobrezinha sozinha para fazer todo o serviço de quatro pessoas e ainda por cima durante a noite! E ainda por cima, impedindo que ela durma. Dormindo ao menos ela poderia sonhar...

DULCINÉIA: Sonhar!

NARRADOR: Sonhar que a madrastra era boa...?

DULCINÉIA: Que minhas irmãs eram minhas amigas...

NARRADOR: Que seu pai Perseguidino era vivo...

DULCINÉIA: Vivo!

NARRADOR: Que você ia ao baile...

DULCINÉIA: Que o príncipe Tinhorão era lindo... Se meu pai fosse vivo não deixaria nada disso acontecer.

NARRADOR: Mas se não acontecesse tudo isso, nunca haveria uma história tão bonita como a de Cinderela. Coragem, Dulcinéia, que tudo acabará bem. Coragem! Está na hora de chegar a fada madrinha. Mas a fada madrinha, aqui, é uma vizinha muito boa, velha amiga da família Perseguidino, no tempo em que o finado era vivo. Dona Fada Santos é madrinha de Dulcinéia, pois foi ela quem batizou nossa pequena Cinderela.

(Aparece Dona Fada Santos, senhora gorda e bonachona.) Dona Fada Santos está indo para a novena. Ela vai todos os dias rezar para seus afilhados, que são em número de... trinta e dois, contando com Dulcinéia. Aquele chapeuzinho, que lembra vagamente o de uma fada, foi-lhe dado por seus afilhados em homenagem ao seu nome. É uma senhora tão boa, que fareja infelicidade. Vejam só, ela já sentiu que qualquer coisa não anda direito na casa de sua afilhada predileta.

(Dona Fada, que vinha andando pelo proscênio, pára, fareja e escuta.)

NARRADOR: Corre, dona Fada, sua afilhada está precisando da senhora.

FADA: Estou ouvindo uma voz que me fala de Dulcinéia.

(Entra em cena.)

DULCINÉIA: Madrinha!

FADA: Mas que é isso, minha filha?

DULCINÉIA: Minha madrasta (*choro*) e minhas irmãs foram ao baile do príncipe Tínhorão e me deixaram sozinha. (*Choro.*) Tenho que fazer todo o serviço da casa e ainda por cima... e ainda por cima tenho que... (*choro.*)

NARRADOR: Lavar...

DULCINÉIA: É...

NARRADOR: Passar...

DULCINÉIA: É...

NARRADOR: Engomar...

DULCINÉIA: É...

NARRADOR: Varrer...

DULCINÉIA: É...

NARRADOR: Coser...

DULCINÉIA: É...

NARRADOR: Cozinhar...

DULCINÉIA: É...

FADA: Ruindade igual a essa nunca vi. Não chore, minha filha. Não chore. (*A cena fica azulada dando um tom de mistério.*)

(*Música*)

Dulcinéia, Dulcinéia,
pare de chorar,
pois um dia,
lá na capela,
com um príncipe
há de casar...

COBO

Cinderela, Cinderela,
cante uma canção,
pois seu sonho
já vai se realizar...

(*Cena clara novamente.*)

FADA: Você irá a esse baile.

DULCINÉIA: Mas como, madrinha? Não tenho nem roupa, nem...

FADA: Você verá. Mãos à obra, doutor Ângelo (*Ao Narrador.*) Homem bom, esse vizinho. Está sempre pronto a ajudar os que precisam.

NARRADOR: (*Sai rapidamente e volta com asas de anjo*): Pronto, dona Fada, aqui estou.

(*Música em BG*)

FADA (*De fora*): O tacho foi untado!

NARRADOR: O cachorro foi lavado!

FADA (*Fora*): O jardim regado!

NARRADOR: O feijão catado!

FADA: A costura feita!

NARRADOR: A cama desfeita!

(*Enquanto o Narrador e a Fada dizem suas falas, Dulcinéia corre de um lado para outro, contente.*)

FADA (*Entrando*): Nada esquecido?

NARRADOR (*Idem*): O tapete batido!

FADA: A saia, a blusa, o vestido!

TODOS: Tudo pronto!

FADA: Agora, doutor Ângelo, corra à minha casa e traga o meu diadema, a cortina da sala de visitas e o sapatinho de lamê que foi de minha bisavó, a baronesa Ibrocaída. (*Música. Narrador sai.*) Você, minha filha, agulha e linha, pois não há melhor varinha de condão nos tempos de hoje que o engenho e a habilidade. Você será a mais bonita da festa.

DULCINÉIA: Eu?

FADA: Mas é preciso se retirar do baile à meia-noite em ponto.

DULCINÉIA: Meia-noite em ponto.

FADA: E não se esqueça de deixar cair um dos sapatinhos. Faça tudo direitinho como na história, senão o príncipe ficará sem sua pista e... adeus feliz desenlace! É preciso sempre ajudar o destino com algum esforço pessoal.

DULCINÉIA: Está bem, madrinha, farei tudo como manda o figurino.

FADA: Então, vamos ao trabalho! (Saem.)

(Música de mudança. Narrador no Proscênio, sem interrupção. Fecha o telão da rua do Alvorço.)

CENA V

NARRADOR: Enquanto dona Fada Santos, com agulha e linha, engenho e muita habilidade, transforma nossa Gata Borralheira em Cinderela, o baile está quase começando. E é preciso mostrar o que acontece por lá. Esta agora é a rua do Alvorço, que desemboca no palácio do mesmo nome. E lá vêm desfilando os convidados.

(Música)

(A medida que são anunciados, entram e se colocam em fila um atrás do outro.)

A Família Borralheira, ativa e segura de si como convém à sua classe. Senhorinha Passarilha e sua mãe, dona Pamela Alpista. Senhorita Sabina Tudor, a moça mais culta da cidade, e sua mãe, dona Sabina Tudor Também. Os nossos conhecidos João Jaca e Simão Leitão, agora já de livro lido e mastigado e bem vestidos e seguros de si, com a segurança que um espírito culto e uma boa roupa podem dar. Os outros moradores da cidade também convidados para a festa. (Entra mais um convidado.) Todos fingem não pensar em nada. Ve-

jam! (Para a música e todos se voltam para a frente.)
Mas só pensam numa coisa...

TODOS (Baixo): Ca-sa-men-to!

(Saem. Música)

NARRADOR: Enquanto os convidados caminham, vamos conhecer a causa de tanto alvoroço: o Príncipe Generalíssimo D. Tinhorão de Garcia Macedo y Perez, famoso nobre espanhol.

CENA VI

(Fanfarra. Abre-se o pano e aparece o valúcio, Príncipe e primeiro ministro em cena. Música.)

MINISTRO: Mas príncipe, estamos completamente quebrados! É preciso descobrir uma noiva rica. Uma dessas fazendeiras daqui. É caso de urgência urgentíssima salvar a família Garcia Macedo y Perez. É isso que a Espanha espera de seu príncipe.

PRÍNCIPE (Amuado): Só me caso por amor, já disse.

MINISTRO: É preciso saber unir o útil ao agradável, Tinhorãozinho. As famílias deste país têm dinheiro, mas não têm nobreza. Tinhorão tem nobreza, mas não tem tostão.

PRÍNCIPE: Mas que é que o senhor quer que eu faça?

MINISTRO: Escolher uma noiva entre as moças que hoje virão aqui. Tenho a lista da fortuna de cada uma. (Príncipe suspira.) Vamos, príncipe. Todas são bonitas e querem casar com você.

PRÍNCIPE: Todas são bonitas?

MINISTRO: Bem, se são feias, o dinheiro disfarça. (Príncipe suspira.) E chega de suspirar, Tinhorão, senão corto sua mesada.

PRÍNCIPE: Está bem, ministro. Farei força para escolher uma. Mas só me caso por amor. (*Senta no trono.*)

MINISTRO: Muito bem. Então vamos abrir as portas do palácio. E não se esqueça, Alteza, ou escolhe uma esta noite ou... corto-lhe a mesada. (*Música.*)

(*Ministro desenrola o pergaminho e lê.*)

Família Borrarheira: dona Firmina e suas filhas Margaridinha e Rosinha (*para o Príncipe*), uma fazenda com duzentas cabeças de gado.

(*Música. Entram as três e cumprimentam.*)

Senhorita Sabina Tudor e sua mãe dona Sabina Tudor Também, donas da única biblioteca da cidade: setenta e quatro volumes! (*Música*)

Senhorita Passarinha e sua mãe, dona Pamela Alpista. Um viveiro com cinco mil pássaros! (*Música idem*) Os mancebos João Jaca e Simão Leitão (*Música*) e o engenheiro Songa-Monga. (*Música*).

(*Pausa e risos amarelos.*)

FIRMINA (*As filhas*): Tirem a luva! (*Filhas tiram a luva direita e as outras acompanham seu gesto. Riso idem.*)

SABINA MÃE (*Ao ver que a filha tirou a luva*): Bote a luva, filhinha!

(*Sabina põe a luva. Firmina ao ver isso coloca também.*)

FIRMINA: Ponham a luva!

(*Todas calçam a luva de novo. Ondas de riso contrafeito.*)

MINISTRO (*Sorrindo*): Podem começar a conversar.

FIRMINA: A música é um bálsamo espiritual. (*Enfática.*)

AS FILHAS: É.

MINISTRO: Que espécie de música a senhora prefere?

FIRMINA: Dependendo das contingências emocionais, prefiro... todas, clássicas e latinas. (*Pausa*) Oh! que prados verdejantes se descortinam deste suntuoso palácio. Alteza? (*Voltam-se para o Príncipe.*)

LEITÃO (*Baixo*): Não é o pasto do Maneco Boi?

JACA: Cala a boca, Simão. Está na hora de falar difícil.

LEITÃO: Nem tudo que reluz é ouro!

SABINA: Mas ouro não é desdouro.

FIRMINA (*Seca*): Questão de gosto.

SABINA FILHA: Meu gosto é completamente, inteiramente eclético.

PASSARINHA: Minha paixão são os passarinhos...

PAMELA: Como gorjeiam!

LEITÃO: Pássaros e pardaais todos querem ser iguais.

ROSINHA: La fenêtre est ouverte!

MARGARIDA: Allons enfants de la patrie!

FIRMINA: Oui! Como falam línguas, como dizem versos as minhas filhas!

MÃES: A minha também.

PASSARINHA: Bijoux, cailloux, genoux, joujoux!

FIRMINA: O senhor também é letrado, Alteza?

TODAS: É letrado?

MINISTRO: Muito!

JACA: Os mamutes não pereceram devido a catástrofes cataclíticas.

MARGARIDA: Foi aí que o comandante se envolveu numa bandeira brasileira...

FIRMINA: Holandesa, filhinha... holandesa. Lapsus linguae.

MARGARIDA: ...e se atirou ao mar, exclamando: O Oceano é a única sepultura digna de um almirante *batavo!*

ROSINHA: Foi um acidente histórico.

SABINA FILHA: Penso, senhorita, que a bandeira na qual ele se envolveu todo era uma bandeira *batava.*

FIRMINA E FILHAS: *Batava!*

SABINA E MÃE: Bátava!

(Esboço de briga logo desfeito.)

FIRMINA: Aliás, a bandeira não importa. O que importa é o acontecimento histórico sentimental.

LEITÃO: Ver para crer!

PAMELA ALPISTA: O senhor é mesmo solteiro?

TODAS: É solteiro?

MINISTRO *(Ligeira pausa)*: É!

PASSARINHA *(Animando-se)*: Minha paixão são os passarinhos. Como gorjeiam!

PAMELA *(Envergonhada)*: Você já disse isso, filhinha!

SABINA FILHA: O espírito comporta uma espécie de infinitude e o desejo do bem é a faculdade de aspirar o supremo ápice da essência e da ência do infinitamente belo...

LEITÃO: A ência da essência está na imanência da poesia espacial.

SABINA FILHA: É... mas a matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias.

FIRMINA E FILHAS: Naturalmente!

LEITÃO: Bem, isso depende da hipotenusa.

JACA: É óbvio. *(Pausa)* A senhora come peixes das regiões fosforescentes?

SABINA: O senhor fala de medusas?

LEITÃO: De todo corpo mergulhado em fluido.

(Pausa e risos amarelos. Príncipe fala qualquer coisa ao ouvido do Ministro.)

MINISTRO: Vai ter início o baile. O príncipe escolherá seu par.

(Rebuliço entre as moças e mães. Música. Príncipe se ergue e tira a Passarinha.)

PASSARINHA *(Dançando)*: Minha paixão são os passarinhos...

(Príncipe deixa-a e tira Sabina Filha.)

SABINA *(Dançando)*: O espírito comporta uma espécie de infinitude e o desejo do bem... *(Príncipe deixa-a e tira Margaridinha.)*

MARGARIDA *(Cumprimentando)*: Onomatopéia! *(Príncipe tira Rosinha.)*

ROSIÑA *(Cumprimenta após dançar)*: Pinacoteca!

PRÍNCIPE *(Sentado no trono)*: Podem continuar o baile!

(Música continua, Jaca dança com Margarida, Leitão com Rosinha e o Narrador, vestido de convidado, com Sabina. Mães envolvem o Príncipe em grande alvoroço.)

FIRMINA: Minha filha Margaridinha adora versos. Um dia...

PAMELA: Passarinha é de uma ternura com os pássaros. Nunca maltrata um animalzinho. Aliás, o pai dela, o rei do Alpista, me disse um dia: Pamela, essa menina vai ser uma esposa muito terna.

SABINA MÃE: Desde cedo, Sabina revelou uma espantosa facilidade para as ciências ocultas. Meu marido mesmo mãe disse um dia...

FIRMINA: Rosinha e Margaridinha são diferentes de tudo que já se viu em matéria de gênio artístico, literário e científico.

SABINA MÃE: Meu marido me disse um dia...

FIRMINA: Verdadeiras moças prendadas para salão.

PAMELA: Pamela, me disse ele...

FIRMINA *(Veemente)*: Em qualquer salão, seja na África, Ásia, América, Europa, Oceânia ou outros continentes, elas não farão feio...

(Música cessa. Mães continuam falando uma procurando vencer a outra até formarem uma espécie de cacarejar irritado. Entra Dulcinéia. Príncipe se ergue. Pausa e todos olham para o Príncipe e depois em direção do olhar dele. Vêem Cinderela e olham com es-

panto e raiva. *Agrupam-se em fila de um lado e os homens de outro. Pausa.*)

FIRMINA (*Quebrando o silêncio*): Quem será esta, meu santo Deus?

PAMELA: Alguma estrangeira.

SABINA MÃE: Mas este terreno é nosso.

FIRMINA: Concorrência desleal.

PAMELA: Deve ser gatinha da capital.

FIRMINA: Garanto que é burra.

SABINA FILHA: Ou então é muda.

FIRMINA: Beleza artificial.

PAMELA: Falta nela naturalidade.

FIRMINA: E berço! (*Príncipe desce e se dirige a Cinderela.*)

PAMELA: Com certeza é comunista.

TODAS: Oh!

FIRMINA: Gente nossa é que não é!

TODAS (*Calçando a luva*): Não é!

ROSINHA: Não sei o que ela tem que nós não temos.

MARGARIDA: Se ele não se casar comigo eu morro, mamãe.

FIRMINA: Morre não, filhinha. A partida ainda não está perdida. E ria, que a tristeza enfeia.

(Príncipe dança com Cinderela. Música. Mulheres dão as costas despeitadas.)

LACAIO (*Entrando*): Alteza, o ágape está servido.

(Príncipe continuá dançando. Todos passam pelo Príncipe e repetem a fala. Saem.)

FIRMINA (*Saindo*): Alteza, o ágape está servido.

(Entra o Ministro, olha os dois, consulta a lista de convidados e não encontra o nome de Dulcinéia. Sai. Os dois param de dançar.)

PRÍNCIPE: A senhorita gostaria de comer alguma coisa? Temos empadinhas de camarão, pastéis de santa-clara...

CINDERELA: Obrigada, príncipe, não tenho vontade de comer. Mas adoro empadinhas.

PRÍNCIPE: Prefiro pastéis.

CINDERELA: De carne ou de camarão?

PRÍNCIPE: Depende.

CINDERELA: É, depende.

(Música. Dançam o minueto. Luz azulada.)

PRÍNCIPE: A senhorita dança muito bem.

CINDERELA: Bondade sua, príncipe.

PRÍNCIPE: A senhorita gosta de viajar?

CINDERELA: Nunca viajei, príncipe.

PRÍNCIPE: Viajar é muito agradável.

CINDERELA: Acredito. Ver o mundo deve ser maravilhoso.

PRÍNCIPE: Mas não sozinho. Sozinho a gente não consegue ver bem o mundo.

CINDERELA: Sempre é melhor ver a quatro olhos.

(Param de dançar e olham um para o outro.)

NARRADOR: Sinto muito, caro público, sei que todos estão gostando deste romance, mas vejam que horas são! Meia-noite no meu relógio e é preciso que a história continue.

(Ouve-se o gongo e acendem-se as luzes.)

CINDERELA: Meu Deus! (*Corre ao relógio e escuta*) Meia-noite! Meia-noite! (*Corre dum lado para outro*) Preciso ir embora.

PRÍNCIPE: Não vá senhorita. Não faça isso.

CINDERELA: Preciso, preciso.

(Vai sair e tira um dos sapatos e deixa no chão. Sai.)

PRÍNCIPE: Não vá, senhorita. Não faça isso.
DULCINÉIA: Preciso, preciso! (*Sai, deixando o sapato*).
PRÍNCIPE: Diga ao menos o seu nome, linda criatura! (*Sai atrás dela*). Ela foi-se embora, (*voltando*) mas deixou o sapatinho. A moça do diadema... foi-se embora...
FIRMINA (*Entrando*): Foi-se embora!
MARGARIDA: Foi-se embora! Já vai tarde.
FIRMINA: Ponham a luva.
MARGARIDA (*Ponho a luva, para Rosinha*): Ponha a luva!

(*Entram todas e se colocam em volta do trono, o Príncipe olha-as e grita:*)

PRÍNCIPE: Primeiro ministro!
TODAS (*Recuando*): Oh!
FIRMINA: Que forte!
SABINA: Que grito!
MARGARIDA: Que homem!
ROSINHA: Que caráter!
PAMELA: Só um nobre!
SABINA FILHA: De sangue azul!
FIRMINA: Vai mandar na mulher!
PRÍNCIPE: Primeiro ministro!
TODAS: Oh!
MINISTRO: Pronto Alteza!
PRÍNCIPE (*Ao Ministro*): Mande acabar o baile porque eu estou triste.
TODAS (*Decepcionadas*): Oh!
MINISTRO: Mas, príncipe...
PRÍNCIPE: Diga a todos que peço desculpas.
MINISTRO: Ele pede desculpas.

(*Todas se colocam, fazem reverência e saem com música.*)

PRÍNCIPE: Primeiro ministro, aconteceu. Tinhorão está apaixonado.

MINISTRO: Muito bem, Tinhorão. Agora, mãos à obra para saber se a moça do diadema é rica e onde mora. Pela roupa, parecia milionária. Aquele diadema devia ser de pedras preciosas. Devia ser... 800 anos de Minas Gerais! E os diamantes de algum aventureiro garimpeiro.
PRÍNCIPE: Ela era a mais bela, a mais...
MINISTRO: A mais rica.
PRÍNCIPE: Mas desapareceu sem deixar o nome... (*Segurando o sapato*).
MINISTRO: Desapareceu? (*Sai*).

CENA VII

NAARRADOR: Desde essa noite o príncipe Tinhorão mudou completamente. Começou a emagrecer e a ficar abatido. O Ministro fazia tudo o que podia para animá-lo.
PRÍNCIPE: É ela que eu quero, Primeiro Ministro, vestida de branco, com um diadema na cabeça... Nunca a esquecerei!
MINISTRO (*Voltando*): Tinhorão, reage, Tinhorão!
PRÍNCIPE: Mandé procurá-la, Primeiro Ministro.
MINISTRO: Mas afinal, ela não é a única moça desta cidade. (*Tentando convencê-lo*) A senhorita Passarinha Alpista... piu piu piu... Um viveiro com cinco mil pássaros.. e como gorjeiam! (*Príncipe desaprova com a cabeça*) E a família Borradeira, hem? Que distinção! Duzentas cabeças de gado. Que maneiras! Que sogra!
PRÍNCIPE: Não!
MINISTRO: E dona Sabina Tudor? Cultura! Cultura! E que intercâmbio entre o Brasil e a Espanha, hem? (*Príncipe desaprova novamente.*)
(*Música das Ofertas.*)

MINISTRO: Mal de amor... Mal de amor... se cura com ocupações. *(Bate palmas)* É preciso mandar buscar livros!

NARRADOR *(Entra vestido de livreiro sobraçando grandes volumes e apresenta ao Príncipe.)*

(Música)

MINISTRO *(No ritmo):* Livros de viagens, romances de amor! Aventuras de Tarzan! Luluzinha!

PRÍNCIPE *(Faz não com a cabeça.)*

(Livreiro sai. Cessa música.)

MINISTRO: Mal de amor se cura também com boa mesa, boa comida. *(Palmas)*

(Música)

NARRADOR *(Entra vestido de cozinheiro e apresenta o prato ao Príncipe.)*

PRÍNCIPE *(Olha desinteressado.)*

(Cozinheiro sai. Cessa música.)

MINISTRO *(Passeia pela cena preocupado):* A doença é séria. Agora só um médico. *(Palmas)* Doutor!

(Música)

NARRADOR *(Entra vestido de médico e aproxima-se do Ministro).*

MINISTRO: O príncipe Tinhorão não ri, não fala, não dorme, não acorda, porque sem dormir ninguém acorda, não come nem empadinhas de camarão, não lê nem luluzinha!

MÉDICO *(Aproxima-se do Príncipe e ausculta. Pára música. Batidas de tambor. Aproxima-se do Ministro e entrega a pílula):* Uma pílula de Esquecil de três em três horas.

(Música. Médico sai.)

MINISTRO *(Oferece o remédio ao Príncipe que recusa. Ministro engole a pílula. Anda de um lado para outro):* Detetive particular!

NARRADOR *(Entra vestido de detetive.)*

(Música)

MINISTRO: Ela é baixinha, usa vestido branco e um diadema na cabeça... e gosta de empadinha de camarão. Escreve aí... *(Detetive toma notas num livrinho imaginário tornando a passear na cena ao ritmo da música. Sai.)*

MINISTRO: Mal de amor... se cura com distrações! Talvez o bobo da corte resolva este problema. *(Batê palmas)* Sapo Verde, distraia urgentemente o Príncipe!

(Música muda para música do Sapo Verde.)

SAPO VERDE *(Entra dando pulos imitando sapo):* Eu sou o Sapo Verde. *(Para o Príncipe)* Eu sou o Sapo Verde *(Para a platéia).*

(Sapo faz graças. Ministro ri às gargalhadas enquanto o Príncipe continua indiferente.)

SAPO VERDE *(Triste):* Sapo Verde não agradou.

MINISTRO *(Rindo):* Agradou sim!

SAPO VERDE *(Depois de fazer várias graças, tem uma idéia.):* Sapo Verde apresenta seu teatro de bonecos.

(Música. Entra o Teatrinho de Fantoques.)

MOÇA *(Boneca):* Minha vida... minha vida... passo a esperar. Da janela não vejo ele e me ponho a chorar...

(Boneca vestida de Cinderela canta com a música de Cinderela.)

VILÃO *(Entrando):* Fecha esse chorometro e casa comigo!

MOÇA: Não, não e não! Só me caso por amor.

VILÃO: Sim, sim, sim, porque sou o vilão!

MOÇA: Não, não trairei nunca, nunca, aquele a quem prometi minha mão!

VILÃO: Ah! é assim então? Serei obrigado a matá-la.

(Príncipe já animadíssimo levanta.)

PRÍNCIPE *(Para o vilão)*: Saia desta sala!

MINISTRO: É apenas teatro, Alteza.

PRÍNCIPE: Ela é uma beleza!

VILÃO: Resolva, doidivanas criatura!

MOÇA: Ai ai ai! que fazer nesta *conjetura*?

MOCINHO *(Vestido como o Príncipe, aparecendo entre os dois)*: Confiar em mim, linda criatura! Aqui está o mocinho para defender os fracos. Ela é minha noiva e você é um vilão. *(Luta com o vilão, o mocinho vence e beija a moça. Príncipe e Ministro batem palmas entusiasmados. Bonecos agradecem.)*

PRÍNCIPE: Se ao menos houvesse um vilão. Mande embora esses bonecos!

(Música. Bonecos saem com Sapo Verde. Ministro sai também, irritado.)

NARRADOR: Nossa querida Firmina Borracheira, que todo esse tempo vivia tramando, teve também sua ideiazinha. Vestiu-se de cigana e...

(Música da cigana. Entra Firmina disfarçada em cigana.)

FIRMINA: Hala-hala, Tinhoron! Sou a famosa cigana Firmina Habibe, turca de nascimento, que tudo adivinha e tudo cura. Males de coração, desprezo, dor de cotovelo, males de fígado, incompreensão, negócios falidos, amores perdidos... Deixe-me curá-lo, nobre Azulon. Sei onde está a beldade do diadema.

(O Príncipe desperta de sua apatia e dá-lhe a mão. Firmina senta no trono.)

PRÍNCIPE: Sabe?

FIRMINA *(Solenemente olhando a bola)*: Vejo nesta bola de cristal uma princesa oriental, que mora nesta cidade e chama-se... Margarida.

PRÍNCIPE: Margarida?!

FIRMINA: Margarida... ou Rosa, não vejo bem. Mas sei que é uma flor. Vejo um vestido branco... Feche os olhos, Príncipe, feche bem os olhos e pense nela com ardor.

(Príncipe fecha os olhos e Firmina sai para chamar as filhas.)

FIRMINA: Depressa, filhas de minh'alma! O Príncipe caiu no engano.

(Filhas aparecem vestidas como Cinderela.)

FIRMINA: Abaixem as luzes para que ele no lusco-fusco não distinga quem é quem. Who is who. *(As luzes diminuem.)*

PRÍNCIPE *(Abrindo os olhos)*: Minha bela desconhecida há tanto tempo desaparecida... *(Olha uma e outra)* Rosa... ou Margarida?

ROSINHA: Rosa.

MARGARIDA: Margarida.

PRÍNCIPE: Digam alguma coisa para que eu possa reconhecer quem é quem.

FIRMINA: Cuidado, filhas, só digam coisas inteligentes.

MARGARIDA: Dizer o que, mãe?

ROSINHA: Versos, mãe?

FIRMINA: Escolha logo uma, Príncipe, e case com ela. Assim será cumprido o vosso destino.

PRÍNCIPE: Vocês gostam de viajar?

FILHAS (*Consultam a mãe com os olhos e fazem sinal afirmativo com a cabeça.*)

PRÍNCIPE: Preferem empadinha de camarão?...

FILHAS (*Consultam a mãe com os olhos e fazem sinal afirmativo com a cabeça.*)

PRÍNCIPE: Ou de carne?

ROSINHA (*Recitando*): Armas num galho de árvore um alçapão...

PRÍNCIPE (*Interrompendo*): Não, não é esta.

MARGARIDA (*Recitando*): Tombara o herói no campo da peleja...

PRÍNCIPE: Não!

(Surgem neste momento Passarinha e Sabina Tudor também vestidas de Cinderela.)

SABINA: Meu gosto é inteiramente eclético...

PRÍNCIPE: Não!

PASSARINHA: Minha paixão são os passarinhos!

PRÍNCIPE: Não!

(As moças fazem roda em volta do Príncipe. Música.)

PRÍNCIPE (*Gritando*): Inflação! (*Todas saem.*)

FIRMINA: Alteza, posso explicar...

PRÍNCIPE: Não!

FIRMINA (*Vai saindo despeitada, mas dá com o Ministro que se assusta. Ela cumprimenta e sai. Entra a Comissão de homens da cidade. Percussão marcando o ritmo.*)

JOÃO JACA: Em nome dos homens solteiros desta cidade, vimos fazer um apelo ao senhor príncipe Tinhorão de Garcia y Perez Macedo.

SIMÃO: Que deixe esta cidade o mais depressa possível.

MINISTRO: Mas eu...

JOÃO JACA: Se a moça da coroa de diamantes desapareceu é porque não existe. Aquilo foi arte do demônio ou de alguma bruxa feiticeira...

HOMEM: Mula sem cabeça...

HOMEM 2: Ou macumba!

SIMÃO: A cidade está sofrendo de princesite aguda. Rogamos ao senhor príncipe que vá embora. Precisamos de nossas moças em seu juízo perfeito para serem nossas mulheres.

JACA: Conversa de realeza e príncipeza é no cinema. Aqui nós queremos gente normal.

(A Comissão se retira. Ritmo.)

PRÍNCIPE (*Suspira.*)

(Ministro senta pensativo no trono.)

NARRADOR: Como viram, tudo foi tentado para dissuadir o Príncipe de continuar a desesperada espera da moça do diadema. A única pista: um sapatinho.

MINISTRO (*Sentado no trono*): Sapatinho? Sapatinho! Tive uma idéia! (*Pega o sapato.*)

NARRADOR: A idéia não é bem dele, pois isto já está na história.

MINISTRO: Arauto! (*Ao Príncipe*) Tinhorãozinho, mandaremos o sapatinho para todas as moças desta cidade. Aquela que tiver um pezinho tão pequeno e tão bem feito que caiba neste sapatinho como uma luva...

PRÍNCIPE (*Animando-se*): Será a moça do diadema e com ela me casarei!

MINISTRO (*Ao arauto*): Mensageiro, corre a todos os pés femininos desta cidade. Aquela que tiver o pezinho tão pequeno que caiba como uma luva neste sapatinho será a futura princesa.

PRÍNCIPE: Depressa, mensageiro, depressa!

MINISTRO: Animo, Tinhorãozinho! A prova do pé é infalível. (*Saem os dois.*) Infalível!

CENA VIII

(Música de mudança. Praça.)

NARRADOR: E assim começa a terceira parte desta história.

ARAUTO *(Entrando com sapatinho. Rufar de tambores)*: Chamado do Príncipe Tinhorão de Garcia Macedo y Perez para todos os pés desta cidade! Atenção! *(Rufar)* Senhoras, viúvas, solteiras e damas distintas desta cidade! Ouçam a mensagem do palácio do Alvorço! *(Rufar)*

(Mulheres entram durante a fala do arauto.)

ARAUTO: O príncipe Generalíssimo D. Tinhorão de Macedo Garcia y Perez avisa a todas as moças casadouras desta cidade que aquela cujo pé for tão pequeno que caiba sem esforço neste sapatinho será sua esposa!

(Grande alvoroço entre as moças e respectivas mães.)

FIRMINA: Chegou a hora, filhas de minh'alma!

MARGARIDA: Mas mamãe, meu pé não vai caber dentro da quele sapato.

FIRMINA: Tem que caber. Quieta, imbecil, encolhe o pé.

ROSINHA: Nem o meu, mamãe.

ARAUTO: Vai começar a experimentação pública!

(Música do Sapatinho.)

(Moças se colocam voltadas para o arauto. Cada uma coloca o pé direito para ser provado pelo arauto.)

ARAUTO *(Experimentando em Margarida)*: Não!

(Experimenta em seguida em Rosinha, Passarinha e Sabina.)

ARAUTO *(A cada uma delas)*: Não! Não! Não!

(Todas choram no ombro das mães. Rufar. Cessa o choro e a música.)

ARAUTO: Como nenhuma das presentes tem o pé ideal, darei uma busca de casa em casa. *(Sai, enquanto mães e filhas cochicham e saem.)*

FIRMINA: Depressa, filhinhas. Vamos para casa arranjar o ambiente. Tenho um plano. *(Saem.)*

NARRADOR: Foi então que começou o grande rebuliço na cidade. Todas as lojas de beleza se fecharam e abriram-se casas de pedicure para tratamento de pés. As moças parece que endoideceram.

(Entra o pedicure americano em seu automóvel com seu enorme charut. O Narrador narra enquanto as mulheres entram atrás do pedicure.)

(Música do Pedicure Americano.)

NARRADOR: Revolução, revolução
Sem solução, sem solução!
Que diferença faz um dedão.
Todos querem o Tinhorão,
mas o rei é o... Pedicure americano!

TODAS: Pedicure americano.

NARRADOR: Contra dor de cotovelo,
com que fé com que desvelo,
todas fazem seu apelo
ao

TODAS: Pedicure americano!

NARRADOR: Ai que horror!

TODAS: Calamidade!

NARRADOR: Gritam todas na cidade.

TODAS: Dos meus pés tende piedade
O pedicure americano!

NARRADOR: O tratamento do dedão
vai render um dinheirão,

mas que grande espertalhão,
ó que homem de tutano,
ficou rico em um só ano,

TODAS: O pedicure americano!

(Pedicure sai acompanhado das mulheres.)

NARRADOR: Os homens solteiros da cidade se defendiam como podiam fazendo comícios.

(Entra o grupo dos homens solteiros da cidade com cartazes e faixas. O Narrador se incorpora a eles.)

HOMENS: Abaixo o sapatinho! Abaixo o sapatinho! Abaixo o sapatinho!

(Saem.)

NARRADOR: Enquanto a cidade se agita, vamos voltar para a casa de dona Firmina Borrallheira.

CENA IX

(Música de mudança de cenário.)

(Aparece a casa de Firmina. Margarida e Rosinha estão sentadas.)

FIRMINA *(Entrando)*: Dulcinéia!

DULCINÉIA: Pronto, madame!

FIRMINA: Vá correndo à casa do Dr. Morangui e diga a ele que traga a tesoura.

DULCINÉIA: Sim, senhora. *(Sai.)*

FIRMINA: Dulcinéia!

DULCINÉIA: Sim, madame!

FIRMINA: Não espalhe a notícia por essas vizinhas invejosas. Não quero que ninguém descubra meu plano.

DULCINÉIA: Sim, madame.

FIRMINA: Margaridinha! Rosinha!

MARGARIDA: Por que meu pé é tão grande?

ROSINHA: Por que o meu também é?

FIRMINA: A ciência moderna dá jeito em tudo, filhinhas. Cortaremos seus pés e eles se transformarão em lindos pezinhos e pronto! Quero ver se o sapato não entra.

MARGARIDA: Mas cortar o pé dói, mamãe.

ROSINHA: Tenho medo, mamãe.

FIRMINA: O pior é a dor de cotovelo, e essa não teremos, graças ao Dr. Morangui.

(Entra o Dr. Morangui, vestido de cirurgião e com enorme tesoura de jardim.)

MORANGUI: É nariz, orelha, busto ou barriga?

TODAS: É pé. *(As moças levantam seus grandes pés, com sapatos enormes.)*

MORANGUI: Então vai ser rápido. Minha tesoura está afiada. Já cortei 26 dedões e 3 calcanhares só esta manhã. *(O médico faz a mímica com a tesoura.)*

(Margarida e Rosinha saem gritando ai ai! e Dr. Morangui atrás.)

FIRMINA: Coragem, filhas de minh'alma! O preço da beleza é alto, mas a recompensa compensa. Que valem uns dedões de pé em troca de um trono?

(As duas voltam pulando com os pés levantados, sempre de sapatos grandes.)

DULCINÉIA *(Entrando alvoroçada. Ouve-se o rufar do Tambor)*: É o mensageiro do rei que vem experimentar aqui em casa.

FIRMINA: Por que tanta alegria, Dulcinéia? (*Dulcinéia sai alegre. Moranguí, ao entrar, olha Firmina e faz que lhe corta a ponta do nariz.*)

MORANGUI (*Saindo*): Quem mais? quem mais? Nariz, papo, busto, barriga, pé...

FIRMINA (*Cobrindo o nariz com a mão*): Ui, ui! fiquei sem meu nariz.

(*As três se lamentam ai-úi-ai-úi e Dulcinéia entra e começa a rir.*)

FIRMINA: Parem de chorar e você pare de rir, sua pateta, se não quer levar uma surra. E vá para a cozinha que é lugar de gata suja!

MARGARIDA: Traga uma almofada para meu pezinho, anda Dulcinéia.

ROSINHA: E outra para mim.

(*Rufar de tambor.*)

DULCINEIA (*Ouvindo*): É ele! (*Sai.*)

ARAUTO: Preparem-se para a 25.^a experiência do dia.

(*Atrás do mensageiro entram mulheres curiosas.*)

FIRMINA: Minhas filhas estão prontas.

(*O arauto experimenta o sapato em Margarida.*)

ARAUTO: Pé cortado. (*As vizinhas riem.*)

ARAUTO (*Experimentando em Rosinha*): Também cortado.

TODAS: Pé cortado, pé desclassificado.

FIRMINA (*Desesperada*): Então minhas filhas perderam o dedão para nada?

JACA: Mais vale um dedão no pé que um príncipe voando.

ARAUTO: Não há mais nenhuma moça por aqui?

FIRMINA: Sou viúva, quem sabe meu pé cabe?

FADA SANTOS (*Entrando*): Esperem. Há outra moça aqui.

FIRMINA: Não é verdade.

FADA: É Dulcinéia, Firmina. Esqueceu-se dela?

MARGARIDA: É a cozinheira.

ROSINHA: Enjeitadinha.

MARGARIDA: Feia.

ROSINHA: Suja.

FADA: É também filha do finado Borracheira.

FIRMINA: Coitadinha, não abre a boca, nunca sai.

ARAUTO: Mande chamar a outra moça.

FIRMINA: Que outra?

FADA: Dulcinéia. (*As três dão uma gargalhada.*)

MARGARIDA E ROSINHA: Nossa empregada.

MARGARIDA: Só calça tamancos.

FIRMINA: Pode ir embora, mensageiro, não há mais nenhuma moça de trato nesta casa.

ARAUTO: É ordem do príncipe. Todas as moças devem experimentar o sapatinho.

(*As três riem nervosamente enquanto Dulcinéia entra e prova o sapato. As três param de rir.*)

FIRMINA: Obra do Dr. Moranguí.

MARGARIDA: Uma simples empregada!

ROSINHA: Plebéia mal lavada!

FIRMINA: Quem diria? quem diria? Dulcinéia Borracheira.

FADA: Aqui está o outro pé. (*Dulcinéia calça*) E o verdadeiro diadema.

ARAUTO: Eis a princesa Borracheira. (*A madrasta desmaia e é socorrida pelas filhas.*)

JACA (*Adiantando-se*): Casa comigo, Margaridinha. Pode deixar crescer o dedão que eu não me importa. (*Margarida aceita e saem os dois de mãos dadas.*)

SIMÃO: Rosinha, minha lindeza, não quer tomar conta do meu açogue? (*Rosinha concorda e saem os dois de mãos dadas.*)

FADA: Que beleza! que romance! Benza Deus!

CENA X

(Todos saem depois de cumprimentarem Dulcinéia. A Fada, levando Dulcinéia pela cena, dá uma volta enquanto o cenário muda para palácio. Música. O príncipe aproxima-se triste. A Fada sai.)

PRÍNCIPE: Linda princesa, quer casar comigo?

DULCINÉIA: Sou pobre, sou feia.

PRÍNCIPE *(Fica triste e se afasta.)*

DULCINÉIA: Ficou triste, Príncipe?

PRÍNCIPE: Fiquei, Dulcinéia, não por você ser pobre, que pobre sou também.

DULCINÉIA: Pobre? O príncipe Tinhorão de Garcia y Perez?

PRÍNCIPE: Todos os príncipes hoje em dia são pobres, Dulcinéia. É por isso que os ministros escolhem sempre para nós moças ricas.

DULCINÉIA: Minhas irmãs são riquíssimas, Príncipe.

PRÍNCIPE: Mas eu gosto é de você, Dulcinéia.

DULCINÉIA: Também gosto de você, Tinhorão pobre.

PRÍNCIPE: Posso vender o palácio do Alvorço e abrir uma casa de flores com você, Dulcinéia.

DULCINÉIA: O nome da casa será "Ao Tinhorão de Espanha", que bonito!

PRÍNCIPE: Que bela idéia, minha noiva. *(Os dois se abraçam. Ouve-se o coro cantando Dulcinéia, enquanto os dois se abraçam. Vão entrando todos os personagens e se colocam.)*

PANO

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
PELOS ESTABELECIMENTOS
GRÁFICOS BORSOI S/A., IND.
E COMÉRCIO, PARA AGIR
S.A., NO SEGUNDO TRIMES-
TRE DE 1972

EXEMPLAR

0834